



# CRÍTICA E HISTÓRIA

Sergio Buarque de Holanda

NO DOMÍNIO da literatura temos visto frequentemente como a ambição de se preservarem formas consagradas pela tradição guarda ainda hoje inabalável prestígio. Não há quase movimento inovador que não se pretenda ao mesmo tempo restaurador. Quando não restaurador de idéias, de escolas ou estilos remotos — humanismo, barroco, classicismo, até romantismo — ao menos de alguma tradição recôndita e esotérica, só agora recuperável em toda a sua extensão. A querela de antigos e modernos conserva sua atualidade, mas apenas nas aparências vistosas e enganadoras; no fundo, quase todos fazem empenho em reivindicar para si as galas de algum passado ilustre e venerável.

Esse tradicionalismo aparente tem raízes, talvez, no sentimento generalizado de que atravessamos uma fase histórica de desintegração e crise. Sua própria vivacidade prende-se principalmente à vivacidade de tal sentimento. É claro que por essa intenção, corretiva e compensatória, os restauradores não precisariam de defesa. Nós sabemos o preço da segurança e da estabilidade que vêm da obediência, quero dizer da obediência espontânea a canoas antigos, e conhecemos, por outro lado, o risco das liberdades ecôicas e tantas vezes irresponsáveis. Sabemos ainda que disciplina e aventura raramente se conciliam.

Mas como explicar que, quanto mais nos deixamos acalentar pelo culto a tradições, que normalmente deveriam ser disciplinadoras e estabilizadoras, mais nos sentimos presas daquele sentimento de insegurança? A resposta deveria ser simples. O apeço à tradição é em si mesmo respeitável. A tradição erigida em programa deliberado, tradição "com sufixo", como diria meu amigo Tristão de Athayde, é que constitui na maioria dos casos, subterfúgio infeliz e perigoso. Sofístico e "sufixico" podem ser palavras sinônimas. Um ilustre historiador inglês dos nossos dias — Arnold Toynbee — acredita que a "veneração do ser efêmero", e erros de se tratar um passado extinto não como degrau, mas como pedestal, constitui dos sintomas mais constantes de impotência criadora. E o que é certo na vida civil de um povo não o é menos em sua vida espiritual. Por isso, os estudos de história literária servidos por um espírito atilado podem fornecer-nos às vezes não somente perspectivas novas para o conhecimento do passado, mas ainda um instrumento sin-

**A** PRETENSÃO dos que buscam, à qualquer preço, reanimar doutrinas e formas estéticas correspondentes a uma situação histórica diferente da sua, revela-se geralmente ilusória, e neste particular seria útil alinharem-se algumas tendências supostamente tradicionalistas da época presente. O raciocínio aparentemente justo dos representantes de tais tendências vem da sua consciência muito viva da crise espiritual que atravessamos e da convicção de que, com os bons préstimos da história nos é dado localizar precisamente, no passado, as origens do desequilíbrio moderno. Neste caso a terapêutica apropriada viria a consistir simplesmente numa restauração. Em mais de um exemplo é possível verificar como os restauradores nada mais fazem, no entanto, do que racionalizar o sentimento pessoal de nostalgia de um passado que a distância pôde exercer na formação de numerosos mitos modernos, e não apenas nos domínios da literatura e da arte.

Não há dúvida que um dos es-

tímulos para a formação, em épocas recentes, de teorias que se apoiam no princípio da restauração se relaciona intimamente ao bom sucesso que durante algum tempo alcançou, em muitos círculos, a antipatia dedicada por Maurras e seus partidários à democracia parlamentar. Era preciso, no seu caso, um bode expiatório capaz de arcar com a responsabilidade de tremendo mal. Não lhes custou descobrir em Rousseau a sua prole romântica, as origens históricas da catástrofe. É certo que a preparação dos ideais revolucionários estava, por outro lado, associado o racionalismo, e ao racionalismo se liga indissolúvelmente o nome de Descartes. Contudo, condenar a razão cartesiana seria um modo de negar toda a literatura do grande século, e esses simplificadores e polemistas precisavam exaltar o classicismo por uma questão de coerência.

O passo atrás, que não quiseram dar, deu-o, como se sabe, outro anti-moderno. Para Mar'tain, o autor do *Discurso sobre o Método* realizara, no terreno filosófico, a ruptura fatal entre a Idade Média e os nossos dias (embora pensadores como Etienne Gilson acreditem, ao contrário, numa continuidade da tradição espiritual entre a Escolástica e os tempos modernos, que se teria tornado possível exatamente através de Descartes).

**E** POR QUÊ não ir ainda mais longe? Um poeta — Hofmannthal — definiu com irrepreensível lógica o sentido da revolução conservadora que também o empolgava, observando que se tratava de um "movimento íntimo contra aquela rebelião espiritual do século XVI, que costumamos

designar, em seus dois aspectos distintos, Renascimento e Reforma". E foi um poeta e esteta quem, com nitidez ainda maior, fixou no humanismo renascentista o começo do plano inclinado. "O Humanismo", dizia, "contem, em realidade, os germes da doença que iria chegar ao seu pleno desenvolvimento com o romantismo". Nestas palavras de T. E. Hulme estão aparentemente as raízes da aversão que a simples palavra humanismo desperta ainda hoje no mais ilustre dos seus antigos discípulos: o poeta T. S. Eliot.

Nesse passo seria possível ressuscitar-se até aquele famoso lema da volta à Idade Média, que há vinte ou trinta anos pode momentaneamente ocupar alguns ensaístas de além e de aquém mar. Sabemos, contudo, que o mundo medieval não foi o mundo unitário que nos apresentavam complacentemente seus apologistas. E que a constante aspiração de uma vida mais alta raramente constituiu, nele, obstáculo insuperável à inteligência mental ou à anarquia civil.

Tudo isso serve para revelar o que há de ilusório no empenho daqueles — e penso aqui especialmente em certos críticos literários que insistem em procurar no terreno movediço da história a terra firme que ajudará a superar a História. Em outras palavras, dos que insistem em discernir num passado morto as normas fixas que não de dirigir, obrigatória e eternamente, todos os nossos pensamentos, palavras e obras.

**A** PRETENSÃO, formulada por alguns teóricos, de que a crítica e a história só ganhariam em divorciar-se, parece-me válida na medida em que a palavra "histó-

(Conclui na 6.ª pág'na).

## CRÍTICA E...

(Conclusão)

rico", por um erro nem sempre evitado ou evitável, for associada a essa espécie de absolutismo. E ainda será válida, creio eu, quando a crítica se caracterize, ao contrário, por um exacerbado historicismo, em que a atenção absorvente dedicada ao processo genético não deixe tempo, e nem espaço, para a síntese compreensiva que deve ser, ao cabo, sua maior missão.

Todavia há um ponto em que o crítico se há de encontrar com o historiador: no sentimento de que as expressões de cultura são essencialmente mutáveis e não se convertem sem violência em normas adequadas para todos e para sempre. Pois onde se separam, um e outro, não só do mestre-escola como do antiquário.

Remessa de Livros: Rua Had-dock Lobo, 1625 (S. Paulo).

